

**FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**  
Sala 2 da Zona de Congressos

18 e 19 de Novembro 2019  
9h30 - 18h00

## II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ORAL DO CINEMA PORTUGUÊS

**O CINEMA NOVO PORTUGUÊS E OS "ANOS GULBENKIAN":  
50 ANOS DA CRIAÇÃO DO CENTRO PORTUGUÊS DE CINEMA 1969 - 2019**

**Projeto de:**

RAQUEL PAULO RATO  
(Investigadora do IHC - NOVA FCSH e realizadora)

**Oradora convidada**

ANA CAROLINA MACIEL - UNICAMP, BRASIL

**com a participação especial de:**

ANTÓNIO CASIMIRO  
ANTÓNIO CUNHA TELLES  
ANTÓNIO PEDRO VASCONCELOS  
EDUARDO GEADA  
FERNANDO MATOS SILVA  
LAURO ANTÓNIO  
MANUEL FARIA DE ALMEIDA  
MONIQUE RUTLER  
RICARDO COSTA  
RUI SIMÕES  
TERESA FERREIRA



Entrada livre sujeito à capacidade da sala.  
Este evento será gravado.

# **Encontro organizado no âmbito das atividades do projeto Palavras em Movimento: Testemunho Vivo do Património Cinematográfico**

**Projecto de Raquel Paulo Rato (Investigadora / Realizadora)**

**Produção:** Raquel Paulo Rato

**Editora:** Raquel Paulo Rato

## **Comissão Científica**

Raquel Paulo Rato

Investigadora integrada doutorada do Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova

Manuel Mozos // ANIM - Cinemateca Portuguesa

## **Comissão Organizadora**

Raquel Paulo Rato // IHC - NOVA FCSH

Manuel Mozos // ANIM - Cinemateca Portuguesa

Caterina Cucinotta // IHC - NOVA FCSH

Rui Lopes // IHC - NOVA FCSH

## **Convidados para a Abertura**

Pedro Aires Oliveira // Presidente do Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova

Ana Carolina Maciel // UNICAMP, Brasil - Oradora convidada (entidade parceira do projeto)

## **Oradores / Comunicações**

António Roma Torres // Escritor, crítico de cinema

Elsa Mendes // Coordenadora Plano Nacional de Cinema (entidade parceira do projeto)

Caterina Cucinotta // IHC - NOVA FCSH

Érica Faleiro Rodrigues // IHC - NOVA FCSH

Fausto Cruchinho // CEIS20 - UC

João Lopes // Escritor, crítico de cinema

Paula Godinho // IHC - NOVA FCSH

Paulo Cunha // Labcom.IFP - UBI

Paulo Filipe Monteiro // CIC Digital NOVA FCSH

Ricardo Costa // Cineasta  
Sérgio Dias Branco // CEIS20 - UC

**Convidados para moderar**

Elsa Mendes // PNC - Plano Nacional de Cinema  
Maria João Madeira // Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema  
Manuel Mozos // ANIM - Cinemateca Portuguesa  
Leonor Areal // CIMJ - NOVA FCSH  
Rui Lopes // IHC - NOVA FCSH

**Testemunhos Convidados**

António Casimiro  
António Cunha Telles  
António Pedro Vasconcelos  
Eduardo Geadá  
Fernando Matos Silva  
Lauro António  
Manuel Faria de Almeida  
Monique Rutler  
Ricardo Costa  
Rui Simões  
Teresa Ferreira

**Designer Gráfico:** Susana Laranjeiro

Todos o direitos são reservados ao projeto

©Palavras em Movimento: Testemunho Vivo do Património Cinematográfico

Projeto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian

Com o apoio de IHC - FCSH NOVA / FCT

Contacto: Raquel Paulo Rato // [palavrasemovimento2019@gmail.com](mailto:palavrasemovimento2019@gmail.com)

# PROGRAMA | 18 e 19 de Novembro

## | 18 de Novembro

**Manhã** | Sessão de abertura

**09h30 - 09h45** | Receção dos Convidados

**09h45 - 10h00** | *A Importância da construção da História Oral do Cinema Português* //

Pedro Aires Oliveira, Presidente do Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova

**10h00 - 10h15** | Apresentação da Plataforma Digital e *Teaser* // Raquel Paulo Rato (IHC - NOVA FCSH) Coordenadora Científica do projeto

### **Painel 1 | A Construção da História escrita e oral no Cinema**

// Moderação de Raquel Paulo Rato

**10h15 - 11h00** | *Histórias em movimento: fontes audiovisuais e a investigação histórica*

// Ana Carolina Maciel (Universidade de Campinas, Brasil)

**11h00h - 11h15** | Debate com o público

**11h15 - 11h30** | Pausa café

// Moderação de Paulo Cunha

**11h30 - 12h15** | Mesa redonda | // António Pedro Vasconcelos, Fernando Matos Silva e António Cunha Telles

**12h15 - 12h30** | Debate com o público

### **Almoço livre**

**Tarde**

**14h15 - 14h30** | Mostra do *Teaser* e plataforma digital // Raquel Paulo Rato (IHC - NOVA FCSH)

**Painel 2 | A Importância dos Testemunhos do Património Cinematográfico e as principais linhas das suas obras**

// Moderação de Raquel Paulo Rato

**14h30 - 14h50** | *O Plano Nacional de Cinema (PNC) e a valorização do património audiovisual* // Elsa Mendes (Plano Nacional de Cinema)

**14h50 - 15h10** | *Eram verdes os anos Gulbenkian* // Paulo Filipe Monteiro (ICNOVA)

**15h10 - 15h30** | Debate com o público

// Moderação de Maria João Madeira

**15h30 - 16h15** | Mesa redonda II // Teresa Ferreira e Monique Rutler

**16h15 - 16h30** | Debate com o público

**16h30 - 16h45** | Pausa café

### **Painel 3 | As Mulheres na Construção artística do Cinema Português**

// Moderação de Manuel Mozos

**16h45 - 17h05** | *O Método Científico e a História Oral - Fricções, Práticas e Discursos na Construção de uma História das Cineastas Portuguesas* // Érica Faleiro Rodrigues (IHC - NOVA FCSH)

**17h05 - 17h25** | *Figurinistas do cinema português entre arquivo e história oral: balanço de uma investigação* // Caterina Cucinotta (IHC - NOVA FCSH)

**17h25 - 17h35** | Debate com o público

**17h30 - 18h00** | Encerramento do 1º dia // Raquel Paulo Rato (IHC - NOVA FCSH)

## **I 19 de Novembro**

**Manhã**

**09h30 - 09h45** | Receção dos Convidados

**09h45 - 10h00** | Apresentação da Plataforma Digital e *Teaser* // Raquel Paulo Rato (IHC - NOVA FCSH)

### **Painel 4 | Os Rostos do Cinema Novo e o PREC**

// Moderação de Elsa Mendes

**10h00 - 10h20** | *Alguns rostos do cinema português* // João Lopes (Escritor e crítico de cinema)

**10h20 - 10h40** | *Nós por cá todos bem? A Gulbenkian e o cinema português durante o PREC* // Paulo Cunha (LabCom.IFP)

**10h40 - 11h00** | *O Velho Cinema Novo* // Fausto Cruchinho (CEIS20)

**11h00 - 11h15** | Debate com o público

**11h15 - 11h30** | Pausa café

// Moderação de Manuel Mozos

**11h30 - 12h15** | Mesa redonda III // Lauro António, António Casimiro e Eduardo Geada

**12h15 - 12h30** | Debate com o público

**Almoço livre**

**Tarde**

**14h15 - 14h30** | Mostra do *Teaser* e plataforma digital // Raquel Paulo Rato (IHC - NOVA FCSH)

**Painel 5 | A Etnoficção no cinema documental pós 25 de Abril, os Militares e o Poder em Alberto Seixas Santos**

// Moderação de Leonor Areal

**14h30 - 14h50** | *Palavras Soltas* // Ricardo Costa (Cineasta)

**14h50 - 15h10** | *Uma Ausência Tornada Presente: Gestos e Fragmentos (1983)* // Sérgio Dias Branco (CEIS20)

**15h10 - 15h30** | Debate com o público

**15h30 - 16h15** | Mesa redonda IV // Ricardo Costa, Manuel Faria de Almeida e Rui Simões

**16h15 - 16h30** | Debate com o público

**16h30 - 16h45** | Pausa café

**Painel 6 | A memória do Passado e o Futuro da memória no Cinema Português**

// Moderação de Rui Lopes

**16h45 - 17h05** | *Usos públicos da memória: futuro passado, futuro ausente, porvir inédito* // Paula Godinho (IHC - NOVA FCSH)

**17h05 - 17h25** | *Do Primeiro "Ano Gulbenkian" À Génese de um Cinema Lusíada* // António Roma Torres (Escritor e crítico de cinema)

**17h25 - 17h35** | Debate com o público

**17h35 - 18h00** | Encerramento do II Encontro Internacional de História Oral do Cinema Português // Raquel Paulo Rato (IHC - NOVA FCSH)

# História Oral e Cinema Novo

O testemunho oral é, porventura, a mais antiga fonte de informação histórica. A história oral compõe um repositório de memórias e comentários individuais que, em determinado contexto, procura recriar um acontecimento ou um tema relevantes para a elaboração do passado. Poder-se-á dizer que toda a memória é seletiva e que cada indivíduo tem uma perspectiva diferente dos acontecimentos em que participou ou que presenciou. É certamente assim e por isso a história oral é por natureza um projeto inacabado, no qual haverá sempre lugar para outras vozes, novas interpretações do que aconteceu e cuja pertinência social e cultural para a identidade coletiva permanece atual.

O acontecimento celebrado no II Encontro Internacional de História Oral do Cinema Português, evocando os 50 anos da criação do Centro Português de Cinema, graças ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, é o advento do chamado cinema novo que, nos anos sessenta e setenta, tanto em Portugal como na Europa, mudou o modo de fazer cinema e a maneira de ver os filmes.

Eco criativo e representativo de uma época o cinema de ficção pertence ao domínio do imaginário e mesmo o documentário não pode deixar de transfigurar a realidade representada uma vez que um filme é o resultado da sua construção discursiva mediada pela linguagem cinematográfica e pelo ponto de vista do cineasta. E foi a forma da linguagem e a visão original dos jovens realizadores que mudaram a face do cinema português que, à distância dos anos, anunciava a urgência de construir um país diferente e moderno.

Eduardo Geadá

# Livro de Resumos

**Ana Carolina Maciel**

## // Título da comunicação

*“Histórias em movimento: fontes audiovisuais e a investigação histórica”*

## // Resumo

Qual o sentido, e uso, dos testemunhos orais no mundo que nos cerca? Sabemos que traumas coletivos, tragédias, minorias, anônimos, artistas e outsiders alimentam nossa prática de investigação. Hoje, nos primórdios do século XXI, não resta dúvida que estamos, cada vez mais, imersos numa dimensão de “construção do passado” e não de um mero “resgate”. Isso nos oferece um caleidoscópio de possibilidades narrativas, ou seja, dependendo de onde posicionamos nosso olhar, pequenos fragmentos vão se agrupando, tomando forma, delineando aquilo que denominamos “História”.

Com a crescente disseminação de novas, mais ágeis, e menos onerosas, tecnologias de captação de entrevistas, a escritura histórica se envereda nos meandros da fabricação, da coleta – e por vezes – dos riscos implícitos da sedução do testemunho.

Isso culmina por situar, mais uma vez, o historiador diante de impasses. Impasses estes amplamente debatidos, e refletidos, e que devem estar na ordem do dia quando nos dispusermos a selecionar fontes e objetos, buscar personagens, captar fontes orais/audiovisuais e, finalmente, compartilhar tais testemunhos biográficos. A presente comunicação irá abordar qual a trama proposta pelo historiador, quais suas estratégias de discurso ou, no limite, o que está em jogo na escrita, gravação e difusão da história.

## // Nota biográfica

Ana Carolina Maciel é Historiadora e documentarista atualmente coordena a Cocen – Coordenadoria de Centros e Núcleos – Unicamp; preside a Comissão Assessora da Cátedra para refugiados Sérgio Viera de Mello – Unicamp e é docente permanente do Programa de Pós-Graduação

em Múltiplos - Unicamp. Presidiu a Associação Brasileira de História Oral (biênio 2016 a 2018). Realizou pós-doutorado no Museu Paulista - USP, no âmbito do qual desenvolveu pesquisa no Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, 2012). Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2008) com doutoramento sanduíche no Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, 2006). Mestre em Múltiplos pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e bacharel em História pela mesma universidade (1994). É autora do livro “Yes nós temos bananas. Cinema industrial paulista: a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, atrizes de cinema e Eliane Lage. Brasil, anos 1950” (Alameda Editorial, 2011), além de vários capítulos de livros e artigos sobre historiografia, audiovisual, memória, biografia e cultura material.

## **António Roma Torres**

### **// Título da comunicação**

*Do Primeiro "Ano Gulbenkian" À Génese de um Cinema Lusíada*

### **// Resumo**

O primeiro ano de produção do Centro Português de Cinema no âmbito do protocolo com a Fundação Gulbenkian assinado em 1970 foi designado como o “ano Gulbenkian” numa publicação do autor em Março de 1974. Referia-se a 1972, ano em que se estrearam O Passado e o Presente de Manoel de Oliveira, O Recado de Fonseca e Costa e Pedro Só de Alfredo Tropa, e no ano seguinte Perdido por Cem de António-Pedro Vasconcelos ainda desse plano de produção, mas podendo englobar A Promessa de António Macedo, Vilarinho da Furnas de António Campos, Quem espera por Sapatos de Defunto de João César Monteiro, Lotação Esgotada de Manuel Guimarães e Uma Abelha na Chuva de Fernando Lopes, rodados ou estreados nesse ano. Era um cinema, português por circunstâncias geográficas ou políticas, que principalmente procurava respostas para o que Pascoaes chamara “a arte de ser português” que já se esboçara no prévio cinema novo de Verdes Anos a Mudar de Vida de Paulo Rocha até ao Cercode Cunha Telles. Tal como o poema épico publicado quatrocentos

anos antes (1572) ou reescrito à escala da existência pessoal no pendor mensageiro do poeta heterónimo que compreendeu que faltava “cumprir-se Portugal”, este, por ventura, “cinema lusíada” expressa um “mal-de-vivre” (O recado) à procura de “águas para navegar” (Perdido por cem) prolongado nas fases posteriores da estabilização democrática, da integração europeia e da crise da globalização, reinventando-se entre o dar a ver de Rossellini ou Rouch e a consciência da linguagem de Godard ou Straub.

### **// Nota biográfica**

António Roma Torres é crítico de cinema do semanário Voz Portucalense (1971-1974), do diário Jornal de Notícias (1975-2001) e da revista de cinema A Grande Ilusão (1984-1996). Colaborador do suplemento Ípsilon do Público. Autor de Cinema Português, Ano Gulbenkian (1974), Cinema, Arte e Ideologia, antologia (1975), Cinema Saúde Doença, organização (2010) e das sinopses iniciais dos filmes documentários E Depois de Abril - História do Cinema Português 1974-1984 de Jorge Paixão Costa (1998) e Sem Cura – À Saúde de Manoel de Oliveira de Saguenail & Regina Guimarães (2011). Autor das peças de teatro publicadas na editora Afrontamento: O Rei da Áustria (2014), Novo Céu(2014), César e Cícero (2016), Tudo Espantalhos (2016) e Escura Primavera (2018), e do livro Tudo o que sempre quis saber sobre Psicodrama (mas nunca ousou perguntar a Woody Allen) (2018). Médico psiquiatra, terapeuta familiar e director de psicodrama, director da Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar São João - Porto (2007-2017), coordenador da Unidade de Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital Escola da Universidade Fernando Pessoa e co-fundador da Sociedade Portuguesa de Psicodrama e da Federation of European Psychodrama Training Organizations, e membro do Board of Directors da International Association for Group Psychotherapy (2001-2009).

## **Caterina Cucinotta**

### **// Título da comunicação**

*Figuristas do cinema português entre arquivo e história oral: balanço de uma investigação*

### **// Resumo**

De acordo com a minha investigação de pós-doutoramento, gostava de

expor umas ideias acerca da importância histórica do ofício dos figurinistas em Portugal. Trata-se de um ofício que até hoje não foi valorizado, tendo em conta que nenhum dos figurinistas que trabalham e trabalharam no Cinema Português teve direito a biografias, retrospectivas, eventos estes que se manifestam com alguma frequência e constância nas outras cinematografias internacionais.

Começámos assim em 2017 um percurso de entrevistas a figurinistas portuguesas na tentativa de fazer o ponto da situação em relação à história desta profissão, às condições de trabalho e aos processos criativos.

Suportamos a ideia de que estamos a descobrir, pela primeira vez em Portugal, um ofício fundamental para a criação de uma obra cinematográfica. Este ofício traz consigo inovações e tradições entrelaçadas tanto com o cinema quanto com a moda e a alfaiataria: expressões artísticas que se manifestam do ofício do figurino e transformam-se em técnicas.

Quando falamos de técnica, não podemos esquecer também que, ao longo da história do cinema, se as mulheres foram afastadas do lado artístico tinham, porém, carta branca nos aspetos técnicos da criação artística (montagem, coloração da película, o próprio guarda-roupa...). Não choca, portanto, o facto de o departamento do figurino em Portugal ter uma maioria absoluta de mulheres.

Estas questões abrem diretamente a porta aos verdadeiros materiais de trabalho que os figurinistas desenham para os filmes.

## **// Nota biográfica**

Caterina Cucinotta é doutorada em Ciências da Comunicação, vertente Cinema, pela FCSH, com a tese “Viagem ao cinema através do seu vestuário”, publicada em 2018 pela editora LabCom. Tem formação em Estudos artísticos pela Universidade de Palermo e pela Universidade de Bolonha. Atualmente, é investigadora integrada no Instituto de História Contemporânea da FCSH, onde desenvolve o projeto de pós-doutoramento financiado pela FCT Figurinos e textura espacial: design e arte no cinema português dos últimos 50 anos. Lecionou o módulo de Direção de Arte e Figurinos no projeto Cinemalogia do Festival Caminhos do Cinema Português (2017 e 2019). Foi professora convidada das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa e da Beira Interior nas cadeiras de Cinema Português e História e Estética do Cinema Português. Coordena o Grupo de trabalho em Materialidades e Cinema na AIM (Associação dos Investigadores da Imagem em Movimento). Em Maio 2018 coorganizou o Congresso

Internacional “The Creative process in Portuguese Film: Materialities” em King’s College, Londres. Possui ampla experiência profissional na área dos figurinos para cinema. Atualmente, tem-se debruçado sobre a temática dos processos criativos dos figurinistas de cinema, abordando a metodologia da crítica genética e da história oral.

## **Elsa Mendes**

### **// Título da comunicação**

*O Plano Nacional de Cinema (PNC) e a valorização do património audiovisual*

### **// Resumo**

A divulgação e a preservação da memória sobre o património audiovisual e sobre os seus autores e agentes constitui-se, em nosso entender, como matéria de particular importância educativa, à luz do enfoque que devemos conferir a esta substância tão específica da preservação da memória e atenção ao património. Na verdade, o registo de um conjunto de gravações com testemunhos de criadores portugueses na área do cinema e audiovisual resulta numa fonte inestimável de conhecimento sobre processos de criação artística e técnica, que não podem deixar de ser partilhados com os universos da escola.

Num contexto de valorização da cultura do cinema e de todo o património que lhe está associado, a memória de processos que continua viva e é essencial para historiadores e especialistas não pode deixar de se constituir enquanto matéria transmissível a públicos jovens. Se é verdade que os jovens parecem estar familiarizados com muitas das facetas criadoras do mundo do audiovisual, julgamos que é preciso falar-lhes mais sobre a importância de recorrer aos meios audiovisuais enquanto veículo de um conjunto de metodologias de pesquisa válidas, que têm vindo a ganhar mais adeptos nos meios académicos e pedagógicos, e que se podem revelar como instrumento mais eficaz da referida proteção patrimonial e cultural.

A comunicação dá testemunho do envolvimento do PNC nesta experiência de levar um projeto de investigação académica às escolas, criando contextos para que se possam desenvolver e por em prática projetos escolares e comunitários baseados nesta importante metodologia de trabalho.

## **// Nota biográfica**

Elsa Mendes é Doutorada em Letras, no ramo de Estudos de Cultura - Especialidade em Estudos Norte-Americanos - Estudos Fílmicos (Universidade de Lisboa). Mestre em História de Arte - Especialidade História da Arte Contemporânea (FCSH- Universidade Nova de Lisboa). Licenciada em História (Universidade de Lisboa). Desempenha, desde 2014, funções de Coordenadora Nacional do Plano Nacional de Cinema, na Direção-Geral da Educação (Lisboa). Investigadora no CEMRI - Grupo de Investigação Media e mediações culturais (Universidade Aberta) e na Associação de Investigadores de Imagem em Movimento (AIM) (co-coordenação do grupo de trabalho Cinema e Educação). Integra a Comissão Científica de Acompanhamento do Plano Nacional das Artes. Membro da Comissão Pedagógica da Associação de Professores de História (APH). Co-orientadora e membro de júris de trabalhos académicos na área de Cinema, História e Educação. Membro associado da Academia Portuguesa de Cinema. Tem desempenhado funções de Júri em diversos Festivais de Cinema. Tem realizado diversas apresentações públicas na área de Estudos Culturais e de Estudos Fílmicos, e, mais recentemente, no âmbito da divulgação e implementação do Plano Nacional de Cinema. Professora e Formadora de professores nas áreas de Didáticas Específicas (Cinema), História, História da Arte. Áreas privilegiadas de investigação: História da Cultura Contemporânea, os Estudos Fílmicos e as áreas de Cinema e História e Cinema e Educação.

## **Érica Faleiro Rodrigues**

### **// Título da comunicação**

*O Método Científico e a História Oral - Fricções, Práticas e Discursos na Construção de uma História das Cineastas Portuguesas*

### **// Resumo**

Como será possível uma utilização correcta do método experimental na gravação e na análise da história oral contemporânea? Esta comunicação será baseada em vários anos de gravação de história oral e interpretação de dados, em análise estarão quatro realizadoras portuguesas e quatro

filmes, e o modo como é possível construir uma metodologia onde, a partir do método científico, é feita uma inquirição que relaciona gravações contemporâneas realizadas pela investigadora a estas realizadoras, registos de história oral efectuados por outros investigadores e os próprios filmes, em conjunto contribuindo para o mapeamento da compreensão do trabalho autoral das realizadoras em causa.

As realizadoras e os filmes em observação serão os seguintes: Noémia Delgado e Máscaras (1976); Solveig Nordlund e A Lei da Terra (1977); Margarida Cordeiro e Trás-os-Montes (1976) e Manuela Serra e O Movimento das Coisas (1979-1985). Esta verificação cai portanto sobre as cineastas pioneiras da realização de cinema em democracia.

Um dos elementos particulares desta apresentação é estes quatro exemplos se distinguirem entre si, demonstrando o modo como as cineastas portuguesas pós-revolução construíram os alicerces do seu trabalho: como realizadora independente, como parte de um casal inserido numa co-operativa e como realizadora independente associada a uma co-operativa.

Será demonstrado como, nesta indagação em particular, as hipóteses colocadas através do método científico, após a análise de dados, originaram resultados inesperados.

## **// Nota biográfica**

Érica Faleiro Rodrigues é Licenciada em Realização para Cinema pela University of the Arts, London. Mestre na área das Ciências da Comunicação por Goldsmiths College e doutoranda em Cinema Português por Birkbeck College, com o projecto de tese *Women in Portuguese Cinema Before and After the Revolution: Representation and Reality*, projecto este alicerçado na compilação do registo de história oral. É investigadora associada do Instituto de História Contemporânea da Universidade NOVA de Lisboa. O impacto social do seu trabalho como realizadora granjeou-lhe uma Skillset Millennium Fellowship do governo britânico pela realização de documentários sobre o papel da arte na vida de refugiados. Lecionou, como Associate Tutor da University of London, na cadeira de Desenvolvimento de Pensamento Crítico Académico, e como professora convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na cadeira de Práticas Cinematográficas. Faleiro Rodrigues é co-coordenadora do grupo Cinema, Música, Som e Linguagem na AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento, e é co-editora do futuro número temático da

## **Fausto Cruchinho**

### **// Título da comunicação**

*O Velho Cinema Novo*

### **// Resumo**

Iniciado em 1963 com o filme “Os verdes anos” de Paulo Rocha, tem uma primeira fase que compreende as produções António da Cunha Telles, acabando em 1966 com “Mudar de vida” de Paulo Rocha. Os pressupostos estéticos e políticos desta primeira fase passam para a segunda fase, conhecida como Anos Gulbenkian: o primado do autor, do país e da atualidade. A terceira fase, com a criação do Instituto Português de Cinema, formaliza e institui a indústria cultural do estado no cinema, certificando um modelo de artesanato obrigatório. Com a chegada de Paulo Branco, no início dos anos 1980, termina o Cinema Novo nos seus pressupostos e começa a industrialização do cinema português com as coproduções internacionais. Marca também o fim do Centro Português de Cinema e o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian.

Na verdade, o Cinema Novo português é a continuação do neorrealismo cinematográfico de Manuel Guimarães e Perdigão Queiroga. O movimento dos cineclubes, a escolarização dos técnicos e realizadores, as novidades no campo da música e do teatro em Portugal e na Europa confluíram para essa frente anti-salazarista. Longe deste princípio de ação estão os mais velhos Manoel de Oliveira e António Campos, um e outro fora de Lisboa e dos grandes centros de decisão e que iniciam uma ruptura pós-clássica no cinema português, respetivamente com “Ato da primavera” de 1963 e “A invenção do amor” de 1966. Nos mesmos anos do Cinema Novo português, estes outsiders estão no mesmo fuso horário que a vanguarda de Antonioni, Godard e Warhol, desfazendo as fronteiras do documentário e da ficção.

### **// Nota biográfica**

Fausto Cruchinho é Doutor em Estudos Artísticos, área de especialização em Estudos Fílmicos e da Imagem, pela Universidade de Coimbra, com a

apresentação da tese “Roberto Rossellini: a ‘televisão de autor’”. Mestre em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais, pela Universidade Paris 8-Saint Denis, com a apresentação da dissertação “Le désir amoureux dans ‘Les cannibales’ de Manoel de Oliveira”. Licenciado em Cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa. Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador Integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra.

Alguma bibliografia publicada na área:

2013 – “A mulher na montra e o homem olhando para ela”, in Manoel de Oliveira – novas perspectivas sobre a sua obra (coord. Carolin Overhoff Ferreira). São Paulo. Editora Fap-Unifesp, pp. 153-163

2011 – “Cinema e Portugal: não reconciliados”, In Revista de História das ideias, nº 32. Coimbra, pp. 277-288

2010 – “Pedro Costa: relações de sangue”, In P: Portuguese Cultural Studies, nº 3, Universidade de Utrecht, pp. 33-42

2010 – “Pedro Costa: relações de sangue”, In P: Portuguese Cultural Studies, nº 3, Universidade de Utrecht, pp. 33-42

## **João Lopes**

### **// Título da comunicação**

*Alguns rostos do cinema português*

### **// Resumo**

Se é verdade que há no grande plano de cinema um poder de revelação, porventura de transcendência, a sua contemplação projecta-nos num sedutor universo alternativo. Quando olhamos para um grande plano, sobretudo quando o “separamos” da cena a que pertence, da narrativa que integra, deparamos com um inusitado suplemento de significação, alguns entre transparência e mistério, dizível e indizível.

Será que existe uma história por elaborar dos rostos do cinema português? Ou os limites da nossa produção própria impedem que vislumbremos a sua simples possibilidade?

Trata-se de propor uma revisitação breve de alguns dos rostos que

conhecemos, ou podemos reconhecer, dos filmes portugueses que transportaram o desejo e a prática de um cinema realmente Novo. Para lá dos efeitos de reconhecimento, talvez possamos deparar com algo que sempre vimos, mas que nem sempre soubemos pensar. No limite, talvez sejamos levados a reconsiderar modos de ver e os pensamentos que neles nascem ou se transportam.

### **// Nota biográfica**

João Lopes nasceu em Caldas da Rainha, em 1954. Crítico de cinema, argumentista, realizador de várias curtas-metragens e da longa “Fernando Lopes, Provavelmente” (2008). Colabora actualmente no Diário de Notícias, SIC Notícias e Antena 1. É professor da Escola Superior de Teatro e Cinema. Foi responsável pela programação de Cinema de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura. Autor dos livros “Teleditadura – Diário de um Espectador” (Quetzal, 1995), “Poemas de Guerra” (Gótica, 2002) e “Cinema e História: Aventuras Narrativas” (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018).

## **Paula Godinho**

### **// Título da comunicação**

*Usos públicos da memória: futuro passado, futuro ausente, porvir inédito*

### **// Resumo**

Procuo retomar algumas reflexões sobre os usos da memória que, atentando na relação entre os limites da experiência e os horizontes da expectativa (Koselleck, 1979), visam interrogar os trabalhos da recordação, quando o futuro parece ausente. Quando sucede uma crise no «horizonte de expectativas», que se baseia em futuros delineados com otimismo, há um recentramento no «espaço da experiência», alicerçado no passado, com uma passagem de futuros presentes para passados presentes (Soutelo, 2016:17). François Hartog forjou a noção de presentismo para descrever uma situação em que a actualidade se tornou o horizonte, sem futuro e sem passado. Questiono a razão pela qual é tão recente oprimado da memória na ordem do tempo, em que o presente, no momento em que ocorre, já irrompe como histórico (Hartog, 2003:127), enquadrado numa historização imediata (Hartog, 2003:207).

## // Nota Biográfica

Paula Godinho, nasceu em 1960, PhD Antropologia, FCSH - UNL, 1998, p.godinho@fcs.unl.pt, investigadora no Instituto de História Contemporânea e professora associada com agregação no Departamento de Antropologia da FCSH-Universidade Nova de Lisboa. Entre outras obras publicou: *Memórias da Resistência Rural no Sul (Couço, 1958-1962)*, Celta, 2001; *O leito e as margens - Estratégias familiares de renovação e situações liminares no Alto Trás-os-Montes raiano*, Colibri, 2006; *Festas de Inverno no Nordeste de Portugal – património, mercantilização e aporias da «cultura popular»*, 100Luz, 2010; «Oír o galo cantar dúas veces» -Identificaci3ns locais, culturas das marxes e construci3n de naci3ns na fronteira entre Portugal e Galicia, Imprenta Deputaci3n Ourense, 2011; *O futuro é para sempre - Experiência, expectativa e práticas possíveis*, Letra Livre e Através Editora, 2017. Publicou e coordenou livros e artigos em vários países, e é professora convidada de diversas universidades (Espanha, França, Brasil). Comissariou a exposiç3o “Entre Margens – O Tratado de Limites de 1864 entre Portugal e Espanha” no ANTT (2014-2015). Fundadora da Red(e) Ibero-Americana Resistência e/y Memória. Prémio Xesús Taboada Chivite, 2008 (Espanha). Coordenadora da linha de investigaç3o «Usos do passado, memória e património cultural», do IHC - FCSH NOVA.

## Paulo Cunha

### // Título da comunicaç3o

*N3s por cá todos bem? A Gulbenkian e o cinema português durante o PREC*

### // Resumo

Depois de uma período inicial de funcionamento do Centro Português de Cinema (CPC) com financiamento da Fundaç3o Calouste Gulbenkian, a criaç3o do Instituto Português de Cinema (IPC) e, sobretudo, o Processo Revolucionário Em Curso (1974-1976) alterou significativamente os sectores do cinema em Portugal. A multiplicaç3o de novas cooperativas de produç3o cinematográfica (Cinequanon, Cinequipa, Grupo Zero, entre outras) e a criaç3o das Unidades de Produç3o do IPC alteraram profundamente o contexto de produç3o de cinema em Portugal. Assim, no pós-25 de Abril, a Gulbenkian decidiu canalizar os seus apoios para um projecto singular desenvolvido no seio do CPC, o Museu da Imagem e do Som.

O objectivo desta comunicação será analisar as relações da Fundação Calouste Gulbenkian com o cinema português nesse momento singular da História de Portugal e de redefinição das políticas públicas para o cinema português.

### **// Nota biográfica**

Paulo Cunha, é docente na Universidade da Beira Interior, onde dirige o Mestrado em Cinema. Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, é membro integrado do Labcom.IFP da Universidade da Beira Interior. Coordenador editorial da Aniki Revista Portuguesa da Imagem em Movimento, publicada pela AIM, e director da revista Cinema, publicada pela Federação Portuguesa de Cineclubes. Coordenador do seminário temático Cinemas Pós-coloniais e Periféricos, da Socine - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. Publicou, entre outros, os livros Uma nova história do novo cinema português (2018, Livros Le Monde Diplomatique/Outro Modo), Cinema Português - Um Guia Essencial (org. com Michelle Sales; 2013, Sesi-SP) e Olhares: Manoel de Oliveira (org. com Michelle Sales; 2010: Edições LCV). Programador do Cineclubes de Guimarães e dos festivais internacionais de cinema Porto/Post/Doc e Curtas Vila do Conde, onde também é coordenador editorial.

## **Paulo Filipe Monteiro**

### **// Título da comunicação**

*Eram verdes os anos Gulbenkian*

### **// Resumo**

Celebrando o cinquentenário dos apoios da Gulbenkian que permitiram implantar a nova geração do cinema português, é curioso notar como a expressão adoptada é quase sempre “Os anos Gulbenkian”. Procuraremos ir além dessa neutralidade cronológica e apontar as principais linhas de força do novo movimento e das suas obras.

### **// Nota Biográfica**

Paulo Filipe Monteiro, Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa: fundador e Coordenador do Mestrado em Artes Cénicas;

coordenador da variante de Comunicação e Artes do Mestrado e Doutoramento em Ciências da Comunicação. Atua nas seguintes áreas de investigação: drama, espectáculo, performance, cinema português, escrita para cinema e televisão, ficção e estética.

É doutor em Ciências da Comunicação e agregado em Teorias do Drama e do Espectáculo. Foi professor convidado nas Universidades de Coimbra, Évora, Santiago de Compostela, Federal da Bahia, Federal do Maranhão, Estadual e Federal do Rio de Janeiro. Foi presidente da Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos e fundador e membro da direcção da Federation of Scriptwriters in Europe. Obteve o Prémio Joaquim de Carvalho para o livro “Drama e Comunicação” (posteriormente editado no Brasil pela Annablume) e o Prémio Revelação da Crítica de Teatro.

Realizou o filme de 25 minutos Amor Cego (2010, vencedor do Prémio do Júri no Festival CórteX; e estreou em 2017 a sua primeira longa-metragem, Zeus (apresentada em Portugal, Alemanha, Argélia, Brasil, Bulgária, Egipto, Índia, Inglaterra, Itália, Marrocos, Rússia e Tunísia e já com 12 prémios).

Fez a dramaturgia e encenação de 16 espectáculos. Como actor, participou ainda em várias peças, em 11 longas-metragens portuguesas e estrangeiras e em 40 telefilmes e séries de televisão. Escreveu a adaptação da novela de Camilo A Viúva do Enforcado e 8 longas-metragens. Escreveu a peça de teatro Área de Risco, estreada em 1999 na Fundação Gulbenkian. Tem feito dramaturgia para espectáculos de dança.

## **Ricardo Costa**

### **// Título da comunicação**

*Palavras Soltas*

### **// Resumo**

Quando buscamos a quietude em certos dias, em momentos de repouso que nos mantêm vivos, irrompem fantasmas e vozes que perturbam o inevitável bem-estar entre os dois tempos em que nos encontramos, entre o passado e o futuro. Imagens e palavras sem significado preciso vêm de súbito inquietar-nos nessa encruzilhada, no lugar em que eu e o outro nos enleamos numa só pessoa palmilhando um só caminho. O outro e mais alguém seguirão diferente percurso,

acabando por chegar a diferente destino, mais próximo ou mais distante. Os documentários destes périplos acarretam ficções próprias do cinema português desde a Revolução dos Cravos. Nenhuma outra cinematografia denota rumos tão próprios, tão singulares, nem derivas tão insólitas, tão sem medida. Será talvez apenas sem imagens que prendam ao leito do mar alguns dos nossos navegantes e ao mesmo tempo com palavras soltas que chegaremos a bom porto. Temas: documentário criativo, documentário experimental, etnoficção, docuficção.

### **// Nota Biográfica**

Ricardo Costa termina em 1967 os seus estudos na Faculdade de Letras de Lisboa, onde obtém licenciatura defendendo tese sobre os romances de Kafka: Franz Kafka, uma escrita invertida (1969). Enquanto estudante, em 1962, torna-se editor de textos sociológicos e de obras de vanguarda, literatura e cinema (MONDAR Editores) [<http://rcfilms.dotster.com/TEXTOS.pdf>].

Com a Revolução dos Cravos, em 1974, inicia-se como realizador e produtor. Faz parte da cooperativa Grupo Zero, com Jorge Silva Melo, Alberto Seixas Santos, João César Monteiro, Acácio de Almeida e outros. Torna-se produtor independente com a Diafilme, onde produz muitos dos seus filmes e alguns de outros realizadores. É autor de ensaios sobre cinema, visão e linguagem. Organiza projecções e ciclos de filmes em Paris, na Cinemateca Francesa e no Museu do Homem. Filmada no limiar do documentário e da ficção, *Brumas* é a sua antepenúltima longa-metragem (60o Festival de Veneza, 2003 – Novos Territórios), seguida de *Derivas* (2016) um retrato de Lisboa, segundo filme da trilogia LONGES. *ARRIBAS* é o terceiro da trilogia. Sítio pessoal: <http://ricardocosta.net>.

## **Sérgio Dias Branco**

### **// Título da comunicação**

*Uma Ausência Tornada Presente: Gestos e Fragmentos (1983)*

### **// Resumo**

*Gestos e Fragmentos* (1983) integra uma trilogia na obra de Alberto Seixas Santos que inclui *Brandos Costumes* (1975), obra começada em 1972 no período fascista e terminada já depois do 25 de Abril de 1974, e *Paraíso Perdido* (1992), filme mais tardio sobre os traumas existenciais associados ao passado

colonial português. Gestos e Fragmentos é um filme directamente sobre a Revolução dos Cravos, dirigido quase uma década após os acontecimentos e produzido pelo Grupo Zero Cooperativa de Cinema, uma estrutura indissociável do cinema que emergiu na revolução. Na década de 1980, o 25 de Abril era sobretudo uma ausência no cinema português, como o confirmaria Um Adeus Português (1986), realizado poucos anos depois e construído exactamente em torno dessa ausência. Gestos e Fragmentos é assim um filme que contempla essa ausência e a torna presente, sem a querer decifrar completamente. O seu subtítulo (Ensaio sobre os Militares e o Poder), junta três palavras-chave para a compreensão do projecto: ensaio, militares, poder. A dimensão reflexiva do ensaio cinematográfico revela-se sobretudo na sua capacidade para questionar e redefinir as formas de representação no cinema — e até de problematizar o próprio conceito de representação. Gestos e Fragmentos faz isso através da combinação de vozes com diferentes modalidades discursivas: do militar Otelو Saraiva de Carvalho, do filósofo Eduardo Lourenço, e do cineasta estado-unidense Robert Kramer que interpreta um jornalista a investigar o processo revolucionário e contra-revolucionário.

#### **// Nota Biográfica**

Sérgio Dias Branco é Professor Auxiliar de Estudos Fílmicos na Universidade de Coimbra, onde dirige o Mestrado em Estudos Artísticos e coordena o LIPA - Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas. Integra o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) como investigador e é membro convidado do grupo de análise fílmica da Universidade de Oxford, “The Magnifying Class”. É Presidente da Direção da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento. Lecionou na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Kent, onde lhe foi atribuído o grau de doutor em Estudos Fílmicos. Co-edita as revistas Cinema: Revista de Filosofia e da Imagem em Movimento (com Patrícia Silveirinha Castello Branco e Susana Viegas) e Conversations: The Journal of Cavellian Studies (com Amir Kahn). É autor de Por Dentro das Imagens: Obras de Cinema, Ideias do Cinema (Documenta, 2016).



